



ENSP/FIOCRUZ

(IN)CONVENIÊNCIAS DO ENLACE VIRTUAL

Ana Quelly Bezerra Silva

O artigo “As crianças da bolha virtual”, de Alan Machado, publicado na “Coluna Opinião” (site [Multiplicadores de Visat](#) - 12/04/2023), me despertou interesse especial por evocar experiências pessoais e profissionais que tive recentemente com crianças e seus cuidadores. Enquanto trabalhava como psicóloga escolar, com frequência ouvi de mães¹ e professores reclamações que dão conta das expectativas dos adultos sobre a nova geração.

Certamente, a relação hierárquica e autoritária entre adultos e crianças não surgiu agora, apenas ganhou novas formas de controle das crianças pelos adultos. Concomitantemente, acredito que a presença constante das tecnologias em nossas vidas também pode ser encarada como forma de controle das pessoas, na medida em que a tecnologia representa as várias forças que detêm e exercem poder sobre tudo que existe material e simbolicamente.

Parecem inevitáveis as comparações com outras crianças e, a partir delas, o estabelecimento de um ideal: que as crianças ajam de acordo com o que for conveniente para os adultos. Pelo menos no contexto em que fiz essas observações, os adultos esperam que todas as crianças se adequem às condições narradas por Machado, de modo que aquelas que fogem da regra, que abandonam o smartphone para brincar com outras crianças, são levemente diagnosticadas com algum transtorno do desenvolvimento, consideradas hiperativas e “anormais”.

Para o complexo médico-industrial, essa cultura da diagnose é bastante vantajosa. Embora seja contrária ao modelo de saúde preventivista adotado pelo SUS, é muito comum encontrar profissionais, tanto na rede pública como

¹ Não menciono os pais porque eram raros aqueles que participavam da educação dessas crianças.

privada, diagnosticando crianças cada vez mais jovens e prescrevendo a medicalização da infância em vez de avaliar os fatores sociais, econômicos, culturais, ambientais e subjetivos implicados nos sintomas relatados pelos pais. Quando se patologiza determinados comportamentos e reações da criança, associando-os a uma doença, os pais podem se sentir aliviados por entenderem que não são responsáveis pela produção dos “sintomas indesejáveis”. Assim, o complexo médico industrial lucra vendendo o problema (a doença, que vai validar os incômodos dos adultos) e a solução (o medicamento, que reduz a intervenção à dimensão biológica da criança).

A preocupação de Alan Machado com o impacto da tecnologia digital na infância contemporânea é legítima. A substituição das interações físicas e experiências reais pelo uso excessivo de mídias digitais, provavelmente, comprometerá o desenvolvimento saudável das crianças.

Uma vez que a experiência social é substituída por vídeos e jogos prontos para prender a atenção, como elas irão desenvolver habilidades sociais para lidar com as necessidades de contato, aceitação, solidariedade, frustração e conflitos do cotidiano? Esse questionamento pressupõe a ausência de orientação adequada por parte dos pais e demais cuidadores, sujeitos que devem desempenhar papel crucial na formação das crianças.

Contudo, não se pode perder de vista que as crianças não são as únicas encerradas na bolha virtual. Provavelmente, essas “crianças da bolha virtual” têm acesso às mídias digitais tanto quanto seus pais. Nesse sentido, é importante responsabilizar os adultos, mas também contextualizar, considerar os diferentes modelos de família, situações socioeconômicas, entre outras condições que podem limitar as possibilidades de escolha dos pais. No contexto brasileiro, por exemplo, o abandono paterno é a regra e as mães chefes de família são as mais impactadas pelas opressões de gênero, raça e classe. Logo, os cuidados com a criança são delimitados pelas condições que as mães (e os pais) dispõem.

A exposição às telas é um desafio mesmo para pais que se preocupam e têm melhores condições para participar da vida da criança. É, muitas vezes, inevitável. Por exemplo, a criança adocece. Os pais se sobrecarregam para cuidar da criança doente e das demais responsabilidades da vida adulta, a imunidade baixa e eles adoecem também. A criança se recupera, os pais agora

estão doentes e não têm energia para gastar com ela, logo recorrem às mídias digitais para entretê-la. A exposição às telas afeta o sono e o humor da criança, ela adocece, os pais seguem exaustos. O ciclo continua. Nesse contexto, a responsabilização soa insensível; em vez de culpabilização, é preciso promover acolhimento e rede de apoio.

Por outro lado, as tecnologias digitais também podem oferecer oportunidades e benefícios significativos para as crianças e seus cuidadores. Quando usadas de forma consciente e responsável, podem fornecer acesso a informações, facilitar a comunicação, estimular a criatividade e o aprendizado. Em vez de abandonar a tecnologia, podemos utilizá-la de forma estratégica, estabelecendo limites de tempo de tela, com o envolvimento dos pais na mediação e orientação do uso da tecnologia pelas crianças, sem deixar de privilegiar as interações sociais e o fortalecimento dos vínculos afetivos.

• • •